

Novos documentos sobre as encomendas artísticas do 1.º marquês de Fronteira, D. João de Mascarenhas. Decoração, colecções e arquitectura nos palácios de Lisboa na 2.ª metade do século XVII

Miguel Soromenho*

Resumo D. João de Mascarenhas, 1.º marquês de Fronteira, foi um dos mais esclarecidos mecenas portugueses da 2.ª metade do século XVII. Através de uma rede de intermediários em toda a Europa adquiriu um importante conjunto de produtos de luxo e de obras de arte, destinados maioritariamente ao seu palácio de Benfica. As cartas inéditas aqui publicadas revelam estas diversificadas aquisições nos mercados do Norte – Flandres, Países-Baixos e Inglaterra –, servindo ainda de pretexto para discutir a possível ligação de novas tipologias arquitectónicas à necessidade de “dar a ver” estas colecções recém-constituídas.

Abstract *D. João de Mascarenhas, first Marquis of Fronteira, was one of Portugal's most enlightened patrons from the second half of the 17th century. Through a network of agents across Europe, he acquired an important collection of luxury goods and works of art mostly for his palace in Benfica. These unpublished letters reveal such diversified acquisitions from Northern Europe – Flanders, the Netherlands and the United Kingdom – and raise the issue of the likely relationship between new architectural typologies and the need to “exhibit” these newly acquired collections.*

Um pequeno conjunto de cópias de cartas enviadas e recebidas, entre 1669 e 1674, por D. João Mascarenhas, 2.º conde da Torre e 1.º marquês de Fronteira (1633-1681), conservado numa miscelânea manuscrita do Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹, revela algumas das suas aquisições de obras de arte e de produtos de luxo nos mercados nórdicos – Inglaterra, Flandres e Holanda –, contribuindo, ao mesmo tempo, para definir alguns dos padrões de gosto de um aristocrata esclarecido. Não se trata, com estas brevíssimas notas, de caracterizar de forma sistemática o percurso de um mecenas, nem de traçar as linhas mestras do coleccionismo coevo, tarefa aliás já empreendida noutros lugares², mas de discutir a relação

* Mestre em História da Arte (FCSH-UNL). Museu Nacional de Arte Antiga.

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, n.º 548, f. 51-112v..

² Veja-se, por todos, os trabalhos de VALE, Teresa Leonor – “Les acquisitions d’œuvres d’art du premier marquis de Fronteira, João de Mascarenhas (1633-1670), pour sa

estreita entre os programas decorativos que estas peças ajudavam a compor e os novos modelos de arquitectura palaciana que as acolhiam.

As remessas registadas nestas cartas – uma das quais carregava um navio inteiro [docs. 4 e 5] – recobrem uma grande diversidade de bens de luxo procurados na Europa pelos aristocratas portugueses. Em Novembro de 1669 embarcava, rumo a Lisboa, um coche de oito rodas e seis guarnições que custara ao marquês a respeitável soma de 900 florins. O intermediário, nada menos do que D. Francisco de Melo Manuel (1626-1678), embaixador em Londres de 1663 a 1667, e em Haia, entre 1667 e 1669, garantia o acerto da compra, apesar do preço, e achava-a muito “*a la moda*”, mesmo que não tivesse havido tempo para acabar certos pormenores: a carroça não levava encerado nem cortinas, mas tinha colchão; um banquinho, provavelmente retráctil, para acolher um sexto passageiro e quatro painéis pintados (?) para as ilhargas seguiriam mais tarde [docs. 1, 2 e 3]. Em Março de 1670, D. Francisco Manuel enviava mais um coche a D. João Mascarenhas, com outro para o marquês de Távora, ficando prometido para breve o que o conde de Vilar Maior também encomendara, mas que não estava pronto [doc. 5]. O próprio regente D. Pedro recebeu de Londres uma carroça [doc. 6]³ e outros produtos não especificados [doc. 9]. Além da oportunidade para renovar o guarda-roupa, da aquisição de livros⁴ e de estátuas – uma dúzia, que era apenas parte do total das que estavam pedidas –, de relógios, peças de mobiliário – escritórios e bufetes – e de ourivesaria – vasos de prata com flores – e ainda de compras mais invulgares, como açores para cetraria, cisnes vivos e flores para os jardins, estava destinado ao marquês um conjunto de tapeçarias com desenhos de Pieter Paul Rubens, a encomenda mais apetecida entre todas. Tecidas em Bruxelas⁵,

demeure des environs de Lisbonne”. *Studiolo*, n.º 8, Roma; Paris: Académie de France à Rome; Somogy éditions d’art, 2010, pp. 89-102; IDEM, *Escultura barroca italiana em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005; e IDEM, *Escultura italiana em Portugal no século XVII*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004.

- ³ É o que se depreende deste documento, uma vez que era a própria rainha de Inglaterra, D. Catarina, a diligenciar pelo envio do coche.
- ⁴ A relação de alguns dos livros da extensa biblioteca do marquês com o programa dos jardins foi mesmo recentemente valorizada (JULIEN, Pascal – “La bibliothèqu du marquis de Fronteira et la conception du jardin de son palais”. In RODRIGUES, Ana Duarte; MOREIRA, Rafael, coord. – *Tratados de Arte em Portugal*. Lisboa: Scribe, 2011, pp. 145-152), o que prova a orientação da nobreza da Restauração, com outros indícios, para a prioridade da renovação dos seus palácios.
- ⁵ Sobre a produção tapeceira na Flandres da época e os seus circuitos de distribuição, vd. HARTKAMP-JONXIS, Ebelte – “Flemish Tapestry Weavers and Designers in the Northern Netherlands – Questions of Identity”. In DELMARCEL, Guy – *Flemish Tapestry Weavers Abroad: Emigration and the Founding of Manufactories in Europe*. Leuven: Leuven University Press, 2002, pp. 15-42.

ao que parece, chegaram a Haia, via Antuérpia, em Novembro de 1669, e logo ali suscitaram vivo entusiasmo, o suficiente para despertar a cobiça de um espanhol da Sicília e da própria duquesa de Orange, que as quiseram comprar. Com as peças principais, que desenvolviam passos da Vida de Alexandre, porventura em glosa alegórica das capacidades marciais do próprio D. João, devia seguir uma série de pequenos panos para servirem de sobreportas e de sobrejanelas, com medidas enviadas de Lisboa, e cuja compra o marquês chegou a pôr em dúvida. O conjunto têxtil, formado por nove tapeçarias, consta de um inventário realizado em 1673, a par de outras peças de temário extraído da História Antiga (Rapto de Helena, Marco António, Histórias de Apeles, Aníbal)⁶.

As aquisições feitas neste período por D. João de Mascarenhas incluíam naturalmente peças provenientes de outros mercados. Está hoje bem esclarecida, por exemplo, a encomenda de um lote de doze esculturas de mármore ao *atelier* do escultor francês Pierre Mignard (1640-1725), destinadas a guarnecer a balaustrada e escadaria da Galeria dos Reis do Palácio Fronteira⁷. Coube a Duarte Ribeiro de Macedo, enviado de Portugal na corte de Paris, intermediar a compra, que terá decorrido entre 1672 e 1673; em 1678 já as viu ali dispostas um viajante francês, que visitou a casa, e que das suas impressões deixou uma importante memória. A Ribeiro de Macedo, o famoso diplomata e teórico mercantilista, D. João confiou outras aquisições menores, não detalhadas na documentação conhecida, bem como um luxuoso Livro de Horas e a obra completa do engenheiro militar Antoine de Ville⁸.

A estatuária modelada por Mignard, inspirada nas *Metamorfoses* de Ovídio, vinha animar o mais complexo dos organismos arquitectónicos dos Jardins, uma Casa de Fresco monumentalizada com uma galeria de bustos dos reis portugueses e painéis de azulejos de invenção mitológica e profana, estes representando os antepassados da Casa, em heróica pose equestre, acompanhados por outros cavaleiros, um dos quais podendo identificar-se com o próprio rei, D. João IV⁹. As obras da Galeria dos Reis

⁶ MOSER, Jorge de – “Acerca de uma Tapeçaria”. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: MNAA, 1949, vol. 5, n.º 4, pp. 177-202. Muitas das peças indicadas no inventário *post-mortem* de 1673 de D. Madalena de Castro, marquesa de Fronteira, podem ser identificadas nas cartas que aqui se publicam.

⁷ VALE, Teresa Leonor – “O Ninfeu de Mignard: um conjunto escultórico francês nos Jardins do Palácio Fronteira”. *Monumentos*, n.º 7. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997, pp. 25-29.

⁸ IDEM, *Ibidem*, p. 27.

⁹ CORREIA, Ana Paula Rebelo – “Um retrato real nos jardins do Palácio Fronteira”. *Monumentos*, n.º 25. Lisboa: DGEMN, Setembro de 2006, pp. 226-233.

deviam estar terminadas cerca de 1673, pouco após a conclusão do palácio, em 1672, embora em 1678 ainda ali D. João de Mascarenhas fizesse colocar quatro estátuas de origem italiana, talvez da oficina de Giovanni Lazzoni¹⁰.

A dimensão da residência dos Fronteira nos arredores de Lisboa e o partido arquitectónico adoptado, em franca inspiração de protótipos eruditos, entre os quais, provavelmente, desenhos de *villae* do arquitecto italiano Galeazzo Alessi¹¹, natural de Perugia e activo em Milão e em Génova, correspondiam a um projecto ambicioso levado a bom termo por D. João Mascarenhas, o que o obrigou a gastos suplementares com o aparato decorativo ajustado para os interiores e os jardins. Mais do que modaleccionista, a febre de consumo entrevista nestas cartas explica-se pela necessidade de mobilar a casa e de reclamar um *status* económico e social excepcionais, a que estas compras finas davam o necessário toque de um cosmopolitismo exclusivo. Se ao arranjo dos jardins estava reservado um papel fundamental – a maior parte das encomendas escultóricas, em França, em Inglaterra ou na Holanda, deviam ser pensadas para os espaços exteriores –, as tapeçarias flamengas, emolduradas como quadros, reservavam-se para o adorno de uma “galeria”, à compita com uma pequena colecção de pinturas, que ao pintor Bento Coelho da Silveira (1620-1708)¹² cabia, provavelmente, organizar e manter: à chegada, depois de as admirar detidamente, foi ele que as limpou de pó, por suas próprias mãos, segundo o testemunho comovido do marquês [docs. 9 e 10].

A Galeria assumia-se, assim, como um espaço privilegiado com objectivos precisos de recreação e de exposição de obras de arte, acrescentando aos palácios portugueses da 2.^a metade do século XVII um organismo inédito e com uma morfologia própria, capaz de responder a novas necessidades de representação, de sociabilidade e de *connoisseurship*. A sua origem pode remontar ao século XVI, quando apareceu nas grandes residências régias e

¹⁰ VALE, Teresa Leonor – *Escultura Barroca Italiana em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, pp. 64 e 66.

¹¹ MESQUITA, Marieta Dá – “Palácio Fronteira: um percurso arquitectónico”. *Monumentos*, n.º 7. Lisboa: DGEMN, 1997, pp. 8-13. IDEM, *História e Arquitectura. Uma proposta de investigação: o palácio dos marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura de Lisboa; Universidade Técnica de Lisboa, 3 vols., 1992.

¹² Bento Coelho era já, à data, um pintor consagrado e com uma produção abundante (vd. SOBRAL, Luís de Moura – “Bento Coelho e a pintura do seu tempo”. In SOBRAL, Luís de Moura, coord. – *Bento Coelho (1620-1708) e a Cultura do Seu Tempo*. Lisboa: IPPAR, 1998, pp. 19-39). A aproximação aos Fronteira pode também ter-se dado através do seu mestre, o pintor Marcos da Cruz, a quem houvera sido encomendada, cerca de 1670, a tela do altar da capela do palácio de Benfica. Vd. SOBRAL, Luís de Moura – *Pintura Portuguesa do Século XVII: histórias, lendas, narrativas*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004, p. 190.

aristocráticas europeias, mas aí ainda apenas com objectivos de comunicação e de lazer¹³. Foi só no fim do século que lhe foram acrescentadas outras funções. De acordo com propostas recentes¹⁴, a ideia moderna da Galeria nasceu no contexto do coleccionismo romano de finais de Quinhentos e da afirmação de novas formas de exposição e de percepção da pintura. Caravaggio e os seus émulos podem ter sido os responsáveis por estas mudanças radicais. O fim dos grandes ciclos decorativos a fresco e a produção para um mercado emergente de obras de pequeno e médio formato com representações muito violentas propiciaram o desenvolvimento de espaços onde podiam ser admiradas, de perto e a recato, por visitantes e conhecedores, mas é bom não esquecer que o seu carácter semipúblico a tornava ideal, em simultâneo, para a apresentação de complexos programas decorativos, a maior parte de intenção memorial, celebrativa ou de exaltação linhagística¹⁵.

Entre nós, a sua definição semântica e funcional impôs-se após a campanha filipina do Paço da Ribeira. Parte integrante do projecto de Filipe Terzi para o novo palácio real, estava projectada desde 1581, mas ainda não realizada em 1593¹⁶. Em 1600 já se referia, no entanto, a Galeria Nova na cerimónia de acolhimento ao vice-rei, D. Cristóvão de Moura¹⁷, e toda a literatura e documentação posteriores a identificam como um espaço de circulação e distribuição internas onde se podia dispor o volumoso fundo de tapeçarias da casa real, à minguia de uma colecção de pintura minimamente representativa. A Galeria servia assim as ambições de divulgação de

¹³ COOPE, Rosalys – “The Gallery in England and its Relationship to the Principal Rooms”. In *Architecture et Vie Sociale à la Renaissance*. Paris: Picard, 1994, pp. 249-267.

¹⁴ FRIED, Michael – “Notes toward a caravaggistic pictorial poetics”. In *Caravaggio: His Followers in Rome*. Ottawa: National Gallery of Canada, 2011, pp. 102-123.

¹⁵ Veja-se como exemplos maiores a Sala das Batalhas do Escorial, a que o arquitecto Juan de Herrera chamou Galeria Real privada (BUSTAMANTE GARCÍA, Agustín – *La Octava Maravilla del Mundo: Estudio Histórico sobre El Escorial de Felipe II*. Madrid: Editorial Alpuerto, 1994, p. 672) ou a Galeria Vaticana das Cartas Geográficas, decorada entre 1578 e 1581 (ROMERO MUÑOZ, Dolores; GRAU FERNÁNDEZ, Marta – “Imagen y poder en el siglo XVI. Las galerías de mapas”. In *España en el Mediterráneo. La construcción del espacio*. Madrid: Cedex; Ministerio del Fomento, [s.d.], pp. 162-173). Sobre as galerias de retratos, vd. MACGROWAN, Margaret – “Le phénomène de la galerie des portraits des illustres”. In *L'Âge d'Or du Mécénat: 1598-1661*. Paris: 1985, pp. 411-422. Um elucidativo testemunho iconográfico de uma galeria de retratos integra o volume manuscrito *Teatro geografico antiguo y moderno del reyno de Sicilia*, de 1686 (Arquivo do Ministerio de Asuntos Exteriores de España), com a representação da Galeria do palácio real de Palermo, então sob domínio espanhol.

¹⁶ De acordo com o testemunho de Gianbattista Confalonieri, que passou por Lisboa nessa data (cf. *Por Terras de Portugal no século XVI*. Lisboa: CNCDP, 2002, p. 174). Agradeço a Celina Bastos a chamada de atenção para esta curiosa passagem do itinerário do viandante italiano).

¹⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil (1580-1668)*. 2.ª ed. Lisboa: Ed. Colibri Lda., 2004, p. 290.

coleções de obras de arte – com uma exacta tradução arquitectónica – e de exercício crítico de um novo *saber olhar* que o marquês de Fronteira expressamente evocava a propósito dos cartões de Rubens: “*Bento Coelho os admirou e os que mais fazem he não saber olhar para eles*” [doc. 10], tópico que acentuava a excepcionalidade de um tipo de recepção intelectual traduzido na distinção entre o *ver* e o *olhar*¹⁸.

A difusão de espaços afins com esta vocação deve ter sido possível graças à renovação de muitos palácios lisboetas, após 1640, e ao acesso à oferta de artigos bem mais sofisticados do que aqueles que eventualmente se poderiam encontrar nos interiores palatinos anteriores à Restauração. A reposição da capitalidade de Lisboa, novas obrigações políticas e cortesãs, bem como as exigências de representação de uma nobreza recém-promovida a mais altas funções de Estado, estão na origem destas transformações e, se bem que faltem estudos de pormenor sobre o assunto, é fácil perceber que o Palácio Fronteira não constituiu um caso isolado, mas apenas o que melhor traduzia a proeminência social e política do seu proprietário¹⁹.

Outro exemplo conspícuo de uma galeria coeva é a do palácio do conde da Vidigueira e 1.º marquês de Nisa. D. Vasco Luís da Gama (1612-1676), durante alguns anos embaixador em Paris, foi também um requintado bibliófilo – embora o marquês de Fronteira encarecesse sobretudo os seus conhecimentos de pintura –, mas não descuroou a qualificação da sua residência urbana a S. Roque, encostada à casa jesuíta, cujos jardins D. João de Mascarenhas chegou a emular, enquanto em Benfca construía o mais complexo dos programas paisagísticos da época²⁰ [doc. 10]. Além de uma disposição magnífica sobre o Tejo, que confirmava, na opinião de um dos seus correspondentes epistolares, D. Vicente Nogueira, as prescrições vitruvianas sobre a importância da eleição do sítio²¹, a casa apresentava uma extensa galeria, remodelada ou, mais provavelmente, erguida de raiz por D. Vasco

¹⁸ MORÁN TURINA, Miguel; PORTÚS PÉREZ, Jesús– *El arte de mirar: La pintura y su público en la España de Velásquez*. [S.l.]: Ediciones ISTMO SA, 1997, p. 103.

¹⁹ Além de detentor de uma razoável fortuna, D. João Mascarenhas exerceu uma enorme influência nos assuntos da governação após 1640, como vedor da fazenda ou conselheiro de Estado, entre outros cargos que ocupou. A familiaridade com o corpo de diplomatas da Coroa, intermediários privilegiados na aquisição de obras de arte, ligava-se também, com certeza, ao seu papel nas nomeações para os principais postos europeus (vd. a *Indicação de sujeitos para o Enviado para Holanda voto do Marquês de Fronteira*, de 4 de Novembro de 1680, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria, n.º 1096, f. 6).

²⁰ Parte da sua abundante correspondência foi recentemente publicada: SERAFIM, João Carlos Gonçalves (introd. e ed.) – *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o marquês de Nisa (1615-1654)*. Lisboa: Ed. Afrontamento, 2011.

²¹ “*Se como diz Vitruvio a primeira parte do edificio é o Sítio. E como o de Vossa Senhoria é o mais são...*”. Carta para o marquês, de 19 de Dezembro de 1649, *ob. cit.*, p. 319.

da Gama, onde se polarizava a vida social da família²². Não sei se foi para este espaço que o Almirante encomendou, em 1647, um conjunto de quadros e estátuas italianas²³, mas no caso das pinturas é o mais provável. O marquês, amador de arquitectura que em 1645 requerera a vinda a Portugal de Francesco Borromini²⁴, procurou também que as obras empreendidas no seu palácio pudessem acomodar uma Livraria de Música, para a sua extensa biblioteca, outra novidade difundida decerto pelo modelo seguido no Paço da Ribeira após a Restauração pelo rei-melómano, D. João IV, que trazia a ideia do paço ducal de Vila Viçosa.

Não se trata aqui de uma invulgar afinidade de gostos entre duas figuras de excepção, mas da definição de tendências disseminadas entre as elites. D. Veríssimo de Lencastre, inquisidor-mor do Reino (1615-1692), também dispunha, no seu palácio de Lisboa, por exemplo, de uma “galeria” com armações de tapeçarias, reveladas, uma e outras, nas disposições testamentárias que as legavam ao sobrinho D. Luís, conde de Vila Nova de Portimão (1644-1702), em finais do século²⁵. As evidências de uma orientação dominante são porém mais claras no caso do conde da Ericeira, D. Luís de Meneses (1632-1690), um coleccionador e bibliófilo reconhecido, cujo palácio deixou rasto de merecida fama na literatura da época. O Pe. António Carvalho da Costa, na sua *Corographia Portugueza*²⁶, descreve de forma encomiástica a casa, os jardins e parte do recheio. Uma armação de tapeçarias com cartões do pintor francês Charles Le Brun fora a custo adquirida por intermédio de Duarte Ribeiro de Macedo, que vimos também como

²² IDEM, carta do marquês para D. Vicente Nogueira, de 12 de Setembro de 1649, p. 275. Começada a construir cerca de 1565 (ANTT, Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, L.º 16, f. 290), registam-se depois as intenções de D. Francisco da Gama, no primeiro quartel do séc. XVII, de modernização e ampliação do palácio com uma intervenção do arquitecto régio Pedro Nunes Tinoco (SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *O Carmo e a Trindade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939, vol. 1, p. 186). D. Vasco Luís da Gama tentou comprar parte da cerca dos padres jesuítas, junto à torre do palácio.

²³ Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Secção de Reservados, Cod. 2667, f. 30 e 30v., em carta do marquês para o Pe. Manuel Pedrozo, de 10 de Março de 1647. Na mesma altura enviava para Lisboa tulipas e árvores de Bordéus para os jardins.

²⁴ GOMES, Paulo Varela – “Obra crespá e relevante. Os interiores das igrejas Lisboetas na segunda metade do século XVII: alguns problemas”. In *Bento Coelho... ob. cit.*, pp. 108 e 109.

²⁵ FLOR, Susana – “Do seu tempo fazia parelha aos mais...”. Marcos da Cruz e a Pintura Portuguesa do séc. XVII. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 2002, 2.º vol., doc. 37. Para mais informações sobre a inscrição de D. Veríssimo de Lencastre no meio artístico de Lisboa, cf. COUTINHO, Maria João Pereira – *Convento de São Pedro de Alcântara: A Capela dos Lencastres*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

²⁶ COSTA, Padre António Carvalho da – *Corografia Portugueza*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1712.

agente de D. João de Mascarenhas, que ainda coincidia com Ericeira no patronato aos pintores Bento Coelho da Silveira e Marcos da Cruz²⁷.

Foi justamente para os seus jardins da Anunciada que o conde da Ericeira porfiou uma fonte concebida por Gianlorenzo Bernini, pedindo ao embaixador em Roma, D. Luís de Sousa, bispo de Lamego e logo arcebispo de Braga, que acompanhasse a execução da encomenda²⁸. Afinal, foi a um dos discípulos do escultor, Ercole Ferrata, que coube o encargo do grupo escultórico a que presidia Neptuno, rodeado por quatro tritões, recebido em Lisboa em inícios da década de Oitenta e hoje conservado no Palácio Nacional de Queluz; quem sabe se não será sua, também, a autoria das três fontes que D. Luís, no seu regresso, trouxe de Roma e fez instalar na sua quinta ao Calhariz (Sesimbra).

Embora as quatro divisões contíguas dedicadas à exposição das obras de arte do conde da Ericeira nunca apareçam identificadas como “galeria”²⁹ – porventura por não se tratar de um espaço contínuo, unitariamente concebido –, a ideia de dispor as suas peças de forma a promover uma fruição crítica e comparativa aproxima D. Luís de Menezes de D. João Mascarenhas e de D. Vasco Luís da Gama. Mas que o termo estava em voga, associado a casas nobres modernizadas após a Restauração e com complexos arranjos decorativos e paisagísticos, prova-o a descrição da quinta do mestre de campo Domingos Dantas da Cunha, vizinha do palácio Ericeira, à Anunciada. Os jardins, com evidentes semelhanças programáticas com os dos Fronteira, distribuíam-se por dois tabuleiros, o primeiro sob a “galeria” da casa. Deles fazia parte uma varanda corrida e porticada em cujo espaldar se abriam doze nichos com esculturas italianas. Entre os nichos dispunham-se painéis de azulejos com temas de batalhas da Guerra da Aclamação.

O nível de actualização estética e de curiosidade desta elite aristocrática é assinalável, com as aquisições de obras de arte e de mobiliário assentes na exploração da rede de diplomatas que, na Europa, defendiam a legitimidade dinástica do Portugal restaurado. O nível de informação cultural, bem expresso na bibliofilia e na melomania de muitos deles, bem

²⁷ FLOR, Suzana – *Ob. cit.*, nota 23, pp. 38 e segs.

²⁸ DELAFORCE, Angela; [et al.] – “A fountain by Gianlorenzo Bernini and Ercole Ferrata in Portugal”. *The Burlington Magazine*, n.º 1149, vol. 140. Londres: Courtauld Institute, Dezembro de 1998, pp. 804-811; versão portuguesa publicada in *Património/Estudos*, n.º 5. Lisboa: IPPAR, 2003, pp. 144-152. Sobre D. Luís de Sousa, cf. SOROMENHO, Miguel – “D. Luís de Sousa (1637-1690). O gosto de um mecenas – antiga coleção Palmela”. In *Uma família de colecionadores – Poder e Cultura*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2001, pp. 15-41; e VALE, Teresa Leonor – *Diário de um Embaixador Português em Roma (1676-1678)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

²⁹ COSTA, Padre António Carvalho da – *Ob. cit.*, nota 25, pp. 432 e 433.

como na correspondência trocada com os seus interlocutores, abrangia uma vasta e diversa gama de interesses, a que até nem eram estranhas questões de índole arquitectónica. A julgar pelo provável conteúdo de uma das cartas de D. Francisco de Melo, de 1674 [doc. 16], o próprio marquês de Fronteira poderá ter sido consultado nos projectos régios para a remodelação do palácio da Ribeira³⁰, o que o colocava, com os seus pares, em vantagem face a uma dinastia reinante escassamente envolvida em acções de mecenato artístico ouleccionista. Era da grande nobreza de corte e não dos monarcas, na verdade, que dependia a abertura possível a outros mercados e a imposição de um gosto mais cosmopolita – o que se veio, talvez, a inverter com D. João V – até mesmo nos programas de modernização dos espaços exclusivos da Casa Real.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, cod. 548³¹

Documento 1

Carta de D. Francisco de Melo³² para o marquês de Fronteira, f. 79-81v., Haia, 2 de Agosto de 1669.

(f. 81) “(...) La vão dois sisnes nadando por via de Amstardão e aqui vos mando outro conhecimento delles. A Carrossa se acaba hoje porque fis trabalhar nella estes dias fortemente a fim de que fosse nesta occazião, mas como amenhã he Domingo e esta gente tem pro// (f. 81v.) fessado fazer nestes dias outra couza mais que beber, temo que se não possa embarcar se o velho partir amenhã mas de todo o modo ou por Rotterdam partira esta semana não sey se me meti em mais custos do que vos querieis, mas sey que pello preço de 900 florins que não se podia achar outra mais luzida nem mais a la moda, com oito rodas e seis guarnições as flores tambem hirão com a Carrossa e se esquecer mais algum pecado cada dia há navios. Os padrões já estão em Anveres, mas dizemme que ha hum Castelhana de Sezilia que dá mais pela tapesaria e temo que no tal leve de Codilho (sic) e então sera necessario mudar as guardas a tudo (...)”.

³⁰ O conteúdo da carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, de 22 de Maio de 1674, não é claro. De qualquer modo, convém assinalar que a casa grande do Forte, sobre a qual D. Francisco prometia consultar os *Vitruvios* ingleses, podia identificar-se com o Torreão da Ribeira, conhecido à época como o *Forte*, tanto mais que se desenvolvia nessa precisa altura um ambicioso projecto de ampliação que tive oportunidade de assinalar em estudo recente, embora não conhecesse ainda este novo testemunho (cf. SOROMENHO, Miguel – “O Paço da Ribeira à medida da Corte: de Filipe I a D. Pedro II”. In *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: História de um Espaço Urbano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012, *maxime* p. 71.

³¹ Desdobraram-se as abreviaturas e mantiveram-se a grafia e a pontuação originais.

³² D. Francisco de Melo Manuel (1626-1678), poeta e pintor amador, membro da Academia dos Generosos, foi, no fim da vida, embaixador na Holanda e em Inglaterra, ali chegando a camareiro-mor de D. Catarina de Bragança.

Documento 2

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f. 82-84, Haia, 28 de Novembro de 1669.

(f. 82) “(...) A esta hora venho de ver a Carrossa que se vay embarcar, ella esta que a pode por El Rey na Cinta, e tão estufa que ate colchão tem, não choreis o dinheiro que vos custa, que eu vos seguro que muitos a tomarão pello preço mas não digais a ninguem o que daes por ella porque se ouver algum apetitozo que a compre mais cara e com isso ganhar minha vida. O enserado não houve tempo de se acabar nem aqui as põem as Carrossas de Inverno se não he algum forretta, porque a chuva não entra dentro, cortinas tão bem não se puderão fazer pella praça mas sara fina encarnada em toda a parte se acha, o banquinho do meyo serve so quando ha seis pessoas na Carrossa, e o mais tempo se hira como tão //(f. 82v.) bem os quatro paineis das ilhargas que sam postiços, esta he a moda mais fresca e he feita por huma Caleja (sic) que eu truche (sic) de Pariz que he cá agabadinha (sic).

Porque vejais que não nos descuidamos ca em nada do que pode servir ao credito de Sua Alteza e do seu governo, vos mando mostrar essa folha que fiz imprimir no Atlas Espanhol que se esta Imprimindo com a Genealogia dos Reys de Portugal com as mãos na massa porque se não há couza que peça e minha detença ca por fora eu me hirey meu molle molle (sic) para Ribeira de Alcantara fazervos raivas com as obras e invenções que la detrimino fazer.

Sem embargo de que vos digo que o Atlas não vay agora, depois tomey outra rezolução e elle esta já embarcado no Principe nosso (?) de mestre Clachon (?) e assy delle como dos dois sisnes que tambem espero vão neste Navio.

(...)”.

Documento 3

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, Haia, Novembro de 1669, f. 85v.-87.

(f. 86) “(...) e dizeime se recebestes a Vossa Carrossa que vos mandey por Diogo Lopes, que tal vos pareço, se cantão já os sisnes, e se cheirão as flores que de nada disto tenho novas.

(...) Depois disto sabey que tenho já a vossa tapeçaria em caza e que he de modo que toda a Haya se tem despovoado a vir vela e não sessão (sic) de louvar a riqueza e a pirfeição della eu de verdade não cuidey que era tão boa porque como duas peças estavam ainda em Brucellas por acabar e as outras se não podiam ver armadas não me pareceo o padrão tão bom como o acho agora mas de verdade tudo he excellente e o preço mais que tudo // (f. 86v.) (...). A princeza de Orange ma quer comprar...”³³.

³³ A princesa Henriqueta Catarina de Orange-Nassau (1637-1708).

Documento 4

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, Haia, 12 de Dezembro de 1669, f.87v.-89v.

(f. 87v.) “(...) Escrevovos com pressa e por isso não vos posso dizer tudo o que eu quizera: os arependimentos acertão melhor sobre os pecados, que sobre as tapesarias, e vos para ser sabio, não haveis mister valervos das fraquezas dos sabios, que a inconstancia // (f. 88) nunca pode ser vertude; Todas estas considerações me parecem estre-madas mas vos a devieis ter antevisto primeiro, a deficultdade não esta na tapesaria que essa fácil he o remedeio, pois ainda que o homem a não querera tomar, ou a quere-ra tomar com perda nossa dandonos depois na troca gato por lebre como he ordinario; nestes cazos eu a tomarey e me ficarey com ella e vos dezobrigado desta compra. Porem o de que vos não podereis dezobrigarvos he de tomar as peças que me mandastes fazer pellas medidas que de la vierão pois estas para nenhuma outra pessoa podem ter ser-viço mais que para vos porque sobrejanellas, sobreportas, e sobre alcobas para nada servem cá, e por isso o homem as não quis começar sem lhe dar um terço de antemão e huma obrigação feita por hum notario de que lhas tomaria estando feitas. Ex aqui a (sic) bozilis e se vos estais lembrado vos escrevy primeiro aconselhandovos que estas peças se fizessem sem oiro porque nos custarião menos e farião o mesmo efeito haven-do de estar em alto, se vos achaes saida disto pello demais somos de acordo e tambem não ha duvida que com o dinheiro desta podeis comprar duas tapeçarias para duas camaras que sejam muito boas pois por 12 ou 13 florins a vara se acharão tapeçarias de ceda e lãa que hirão muito proprias para isso huns quatro ou sinco como vos dizeis isso não, menos que ellas não sejam muito groceiras // (f. 88v.). Em Anvers por huma sem ouro nem prata dava eu 16 e não ma quizerão dar.

O Dinheiro a Credito em que vos falava todo he da conta desse Reino e se vos achais que ainda he cara informaivos de Ruy de Moura Telles³⁴ quanto custou a seu cunhado huma que tem com ouro que não he tão boa como esta e por ahi o julgareis, em sim meu Senhoor fazei vossas contas e se quereis so estas peças que mandastes fazer e que estão quazi feitas para as acomodarem outras camaras e com outras ta-peçarias, deixando esta que ca esta fique nella, se he elle, como jogador de pella, e na vossa mão esta o fazello e então ao depois trataremos de buscar outra couza que vos venha mais a prepozito, mas de todo o modo sempre he necessario tomar estas peças que se mandarão fazer, porque não outro remedio. Entretanto eu não disporei nada da tapeçaria que esta ainda nos mesmos caixões em que veyo.

Com esta vos mando o conhecimento dos Cisnes e Atlas que la vão vão (sic) por via de Amstardam quererá Deus fadalos melhor que os outros; as flores já foram por hum navio de Rotardam e das mais couzas que me encomenda (...) ³⁵ darey rezão na primeira occazião quando tenha tomado as medidas a tudo.

Da das estatuas em que me falais vos tinha já dado noticia em profecia adevinhan-do a vossa curiozidade que nos outros poetas temos o dom de vatecinio tão certo como o galhano (?). A Carroça do Marques de Tavora³⁶ estará acabada esta semana e para a

³⁴ Rui de Moura Teles (1595-1676), um dos fidalgos mais influentes da Corte, chegou a Presidente do Desembargo do Paço.

³⁵ Palavra ilegível no texto.

³⁶ D. Luís Álvares de Távora (1634-1672).

outra he necessario vir o dinheiro como vos tenho avizado porque a mesma defeculda-
de que la se acha em achar quem queira passar letras, por ca se encontra tambem de
aqui para la, se eu mandar todas as encomendas que de la me pedem toda a frota do
sal não bastava para ellas as vossas estão sempre em primeiro lugar eu fico tratando
das Estatuas e pode ser que sobeje algum dinheiro deste credito para se empregar
nellas mas adverti que das grandes há poucas e que para fazer outros moldes de novo
custa muito.

(...)

(f. 89v.) Amigo as estatuas se ficão já fazendo e não vos custara 40 mil réis cada
hum tres se acharão feitas que levara logo o ajudante e as outras o estarão mes (sic)
de Fevereiro, a carroça do Marques de Tavora tambem esta feita e cuido que vos ha de
fazer envejas mas não do dinheiro fazeime merce de lhe dizer que mande credito para
300 ou 400 florins que faltão para ella e ao Conde de Villar Maior que faça o mesmo
pera a sua quero dizer de todo o custo della, o estofa tambem hira e sera do melhor e
ainda que a da carroça que sahio hum pouco palida.”

Documento 5

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f. 98-100v., Haia, 25
de Março de 1670.

(f. 98v.) “... dentro de oito dias partira e com ella toda a sirandaje de encomendas
que carregara hum navio inteiro entre as mais sera a vosa tapesaria com o seu apen-
dio e em tudo semelhante a primeira que ainda ontem chegaram de Anvers e hua ca-
rosa que por arte magia fui fazer em 24 horas, porque não ha ainda // (f. 99) seis dias
que receby a carta em que ma pedia e ja esta posta a vella e agora vos digo eu que vay
vara a Batevilla porque esta vay as mil maravilhas, a do Marques de Tavora hira tao
bem mas a do conde de Villar Mayor³⁷ duvido que se possa acabar para este tempo da
maneira que estava feita para ella fis fazer a Vossa e he necessario ter segredo, hira a
primeira occaziam com a outra verde que pediz, seja para quem for, que eu não busco
mais rezões para fazer o que vos me mandais que serdes o que me manda. De estatu-
as terey tambem hua duzia, e as mais a seguirão brevemente. fazei que o dinheiro da
tapesaria esteja prompto que eu vos seguro que ella o mereçe e fazei que a possa hir
ver armada na vosa galaria brevemente que he couza que desejo muito; todas estas
figuras e todas estas encomendas não vão mais que a fazer vos lembrar isto e que he
tempo // (f. 99v.) de me despenarem daqui...”

Documento 6

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f. 52v.-56, Londres,
16 de Agosto de 1671.

(f. 53) “Folgo muito que chegassem os panos tanto a propozito para o vosso gosto
como para a vossa impaciência as couzas boas nunca enfatião e bem se deixa ver

³⁷ Fernão Teles da Silva, 1.º conde de Vilar Maior (†1686), foi do Conselho de Estado de
D. João IV e mordomo-mor da rainha D. Luísa de Gusmão.

que os panos são bons, pois quanto // (f. 53v.) mais comeis desta fruita mais apeteceis della. Os outros se ficão já fazendo e como temos já esgottado todas as acções da Historia humana para as aplicar a Alexandre nos he necessario recorrer as Letras Divinas e hir dezenterrar Salamão para lhe vestirmos a cotta de Alexandre; e tirar da sua historia os Padrões que são necessários para esta. O desenho he de Rubes que passa por hum dos melhores que ele fez e he certo que se houver diferença dos mais ha de ser para melhor, so o tempo não podemos remedear nem fazer com o homem que se obrigasse a acaballos em menos de seis meses porque de poucos dias para ca creceo o apetite das tapeçarias e todos os Teares estao ocupados, e nem elles os queriao fazer pello mesmo preço mas como o costume faz ley apegámonos a (...) ³⁸ em que estavamos e ficamos pello mesmo mas sera necessario que brevemente mandeis credito.

(...)

(f. 54v.) O Coche ainda aqui esta immovel porque não tem cavallos que puxem por elle e a Rainha não quer mandallo sem todos os seus adherentes (sic), fasa diligencia por elles, e ainda que seja tirallos do carro do sol não deixarão de hir o mais brevemente que for possivel.”

Documento 7

Carta do marquês de Fronteira para D. Francisco de Melo, f. 51-52v., 14 de Setembro de 1671.

(f. 51v.) “As minhas figuras e as minhas armações vos hão de tomar mais tempo que as vossas embaixadas e assy sera necessario que acabeis comigo para comessares com Sua Alteza e com o seu serviço. Em quanto ai estavaes ou vinha a letra sobre o Rebello, como dizeis, ou assista la Hieronymo Nunes como me havia escrito que o fazia com o valor de mil florins para este pagamento. Ao dito Nunes escrevo nesta posta vos assista com o necessario para o pagamento desse resto de armação e que vos avizasse que ficava de acordo nesta assistencia , e assy espero o fara pella boa vontade que me mostra, como pella grande pontualidade que tenho uzado com elle pagando-lhe antes do prazo todas as letras que me sacou procedidas do valor dos Reposteiros e mais dinheiro com que assistio a vossa ordem por minha conta resta //(f. 52) para que eu faça o peito ao feito que vos me avizeis o que me faz de custo a transformação de Salamão...”.

Documento 8

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f.90v.-93, Londres, 8 de Fevereiro de 1672.

(f. 90v.) “Amigo e Senhor meu: Não tendo cartas vossas ha muitos dias havendoas aqui de 12 de Janeiro e esperandoas eu com dobrado cuidado pois de mais do gosto de saber novas vossas dezejava saber se havieis recebido as flores que vos mandey pelo navio Unidade e se erão chegados a salvamento os tres chapeleiros francezes que forão no mesmo navio; mas como aqui ha cartas que fazem menção da chegada

³⁸ Palavra ilegível no texto.

delle fico livro de ametade deste cuidado esperando que vos livreis da outra ametade dizendome como passaes e o que passão la estas aves de rapina, assim francezas como irlandezas.

Suposto que estaes entregue das estatuas e de tudo o mais que estava a minha conta não me fico mais que darvola dos panos que estão ja feitos e acabados e perfeitos segundo me escrevem, eu os tenho mandado //(f. 91) vir aqui para volos remeter no primeiro navio seguro se pode haver algum com os grandes ameaços de guerra que por ca vão e quizera eu que os não colheçe esta tempestade fora da Vossa Caza; Antehontem saquei letra de 3 mil 507 florins sobre Hyeronimo Nunes da Costa para os tirar da mão do mestre que os fez creyo que a pagara pontualmente porque assim mo tinha prometido: Tenho escrito a Flandres para ver se posso fazer que passem sem direitos e aqui procurarey o mesmo com todas as partes e no alto e no baixo procurarey sejaes servido com muitos e com poucos remetendovos esta encomenda com a mayor brevidade de que for possivel”.

Documento 9

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, Londres, 13 de Março de 1673, f. 100v.-102.

(f. 102) “Não sey ainda o que la parecerão as encomendas nem se Suas Altezas estão tão satisfeitos das suas como vos mostrais sempre estar das vossas, dizeime o que nisso há e o mais que elles de ca querem, porque quando os não sirva bem nos demais pello menos quizera acertar nisso, como tambem em tudo o que me ordenares de Vosso serviço procurarey fazer...”.

Documento 10

Carta de D. Francisco de Mello para o marquês de Fronteira, Londres, 30 de Novembro de 1673, f.93-95v.

(f. 95) “Ja la serão chegados os Navios que o vento não deixou partir daqui em tanto tempo em hum delles havereis recebido o Rellogio prometido e que espero vos não descontentar por nenhuma circunstancia”.

Documento 11

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira]³⁹, f. 61-62v., s/ data.

(f. 61v.) “As duas peças forão também partidas na posta passada, que não carecem de vistas para agradarem, eu as espero mais que na fe(?) dos padrinhos, na evidencia da reprezentaçam, reservando para quando chegarem os escrupolos dos feitos, comporey a restitução // (f. 62) com os agradecimentos. O Bofette me tem tentado bravamente,

³⁹ Mendo de Fóios Pereira foi Secretário de Estado de D. Pedro II de 1686 a 1702, tendo servido também como diplomata, na Corte de Madrid, em 1679 e 1686.

tanto por se vender a pezo como por ser como Vossa Mercê o pinta. Se for possível que possa esperar até que Vossa Mercê me remeta a medida da Largura, comprimento e altura, dos pes, pode ser que me esforsse a botar a barra com todo este pezo porque como o não exceda o custo nesse mesmo tery o alivio todas as vezes que não puder com elle mas não ha de ser menos de seis palmos o comprimento, e tudo o que tiver demais será melhor, a largura a sua porposião (sic) e tambem o alto capaz de ocupar na minha alcoba o lugar em que Vossa Mercê vio hum de Evano embotido de flores e que ficava defronte do em que se escrevia; tudo isto sam as partes de que se ha de compor este gentil homem que podendo ver as medidas será mais bem visto que pintado; Nas peças de aparador se não empenhe Vossa Mercê porque tenho mais do que custuma ter serviço: quando se offereção alguns vazos com flores tudo de prata para sima de escriptorios, sendo sem feitio mandemos Vossa Mercê porque ja aqui comprei outros a Bertolameu Martins que os houve nessa corte e Duarte Ribeiro⁴⁰ comprou quantidade delles ao senhor Arcebispo // (f. 62v.) e perdoe Vossa Mercê com a leitura e perluxidade (sic) desta comissão permitindome muitas occazioens de servillo em que possa dar gosto...”

Documento 12

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 67 a 68v., s/ data.

(f. 67v.) “As maravilhas de Rubes chegarão tam bem tratadas que não carecerão de Bento Coelho⁴¹ mais para as alimpar do pó o que fes por sua mão com justo assombro da pintura. Ellas ficão já em suas grades onde se logrão bastantemente eu espero pellas molduras para asombrarem os mais quadros da Galeria e a deixarem a melhor caza da nossa terra.”

Documento 13

Carta do marquês de Fronteira a Mendo de Foyos [Pereira], f. 62v.-63v., s/ data.

(f. 62v.) “No correyo passado disse ja a V.M. o que parecerão as maravilhas de Rubes e não he muito que as torne a repetir agora o que se não acaba de compreender

⁴⁰ Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680) tinha sido o intermediário da aquisição das esculturas de Pierre Mignard para os jardins de Benfica, mas os seus préstimos estavam à disposição de outros encomendantes, como o conde da Ericeira, para quem intermediou, como vimos, a aquisição em França de tapeçarias com cartões de Charles Le Brun. Duarte Ribeiro de Macedo seguia naturalmente as tendências de gosto do seu tempo e por isso não foi alheio, por outro lado, à voga contemporânea dos mármore coloridos, promovendo no estrangeiro a exportação de pedras duras portuguesas da Arrábida e de Sintra (RAU, Virgínia – “Cenas da vida parisiense na correspondência de Duarte Ribeiro de Macedo (1668-1675)”. *Bulletin des Études Portugaises*, Nova Série, Tomo 30. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1969, pp. 106 e 107). Sobre a sua actividade diplomática em França, cf. FARIA, Ana Maria Homem Leal de – *Duarte Ribeiro de Macedo: Um diplomata moderno (1618-1680)*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2005; e IDEM, *Os Cadernos de Duarte Ribeiro de Macedo: Correspondência Diplomática de Paris (1668-1676)*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

⁴¹ Trata-se, naturalmente, do pintor Bento Coelho da Silveira (1620-1708).

com...vistas, ellas são taes que referidas seria mais desfazelas do que pintallas e ao menos ninguem as comessara a gravar que o acabe de todo com que se os Caldr.os são // (f. 63) perfeitamente acabados só em os louvar os deixaremos imperfeitos. Dizer sus perfecciones una por una fuera empezar siempre y acabar nunca, Bento Coelho os admirou e os que mais fazem he não saber olhar para elles, brevemente se collocarão nos lugares mais iminentes da Galeria onde prezidirão em controversia a todas as pinturas della...”.

Documento 14

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 64-64v., s/ data.

(f. 64) “A memoria e instrução do uso do geso na limpeza das armações fico esperando as escovas e a mostra de geso matte ou miral que V. M. promete remeter pella mayor intelligencia deste beneficio.”

Documento 15

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f. 103v.-104, Londres, 23 de Abril de 1674.

(f. 104) “Ja há dias que vos tenho avisado que os escriptorios estão comprados, vos disporeis nisto o que vos parecer melhor, e eu seguirey sempre em tudo as vossas ordens.”

Documento 16

Carta de D. Francisco de Melo para o marquês de Fronteira, f. 96v. a 97v., Londres, 22 de Maio de 1674.

(f. 97v.) “Sobre o grande decinio da Caza grande do Forte consultarey mais devagar os Vitruvios desta terra e vos avisarey quando esteja melhor informado mas isto he obra de larguíssimo tempo e de mayor dispendio...”.

Documento 17

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 61-62v., s/ data.

(f. 62) “O Bofette me tem tentado bravamente, tanto por se vender ao pezo como por ser como V. M. o pinta. Se for possivel que possa esperar ate V. M. me remeta a medida da largura, comprimento e altura dos pes pode ser que me esforce a botar a barra em todo este pezo porque como o não exceda o custo nesse mesmo terey o alivio todas as vezes que não puder com elle mas não ha de ser menos de seis palmos o comprimento, e tudo o que tiver demais sera melhor, a largura a sua proporssão e tambem o alto capas de ocupar na minha alcoba o lugar em que V. M. vio hum de Evano embotido de flores e que ficava defronte do em que se escrevia; tudo isto sam as partes de que se ha de compor este gentilhomen que podendo ver as medidas sera mais bem

visto que pintado. Nas peças do aparador se não empenhe V. M. porque tenho mais do que custuma ter serviço: quando se offreção alguns vazos com flores tudo de prata para sima de escriptorios, sendo sem feito mandemos V. M. porque já aquy compreym outros a Bartolomeu Martins que os houve nessa Corte e Duarte Ribeiro comprou quantidade delles ao Arcebispo // (f. 62v.) e perdoe V. M. com a leitura e perluxidade desta comissão...”

Documento 18

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 70-71v., s/ data.

(f. 71) “O Jardim do Almirante⁴² me da lugar a que bemfica o iguale porque donde as pinturas são flores eternas, as naturaes são sombras caducas, Não obsta que o com-pita nas paredes ou exceda nas Cazas que por melhor que seja a materia dos cofres, não pode competir com o precizo (sic) dos materiais que guardão o mais avultado cofre he de ferro e o menos que enthezourão he prata e ouro que importa que bemfica seja melhor casco se [o] Jardim do Almirante tem melhor recheyo // (f. 70v.) eu fui louco de pedras, elle he sábio de pinturas e essas originaes que ficão sendo cómodo ao pintado.”

Documento 19

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 59 v., s/ data.

(f. 59v.) “Em quanto as Decadas de Herrera forem tão caras suspenda Vossa Merce a comissão porque eu dobrarey a folha a curiozidade”⁴³.

Documento 20

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos Pereira, f. 68v.-70, s/ data.

(f. 69v.) “Com a vinda do almocreve que daqui partio por quem escrevi a Vossa Mercê e lhe mandei o pequeno regallo da India espero o retorno da prata mais importante pella compra, que pella paga porque ainda estimo em mais o feitio que Vossa Mercê livrou que o pezo que pagamos tanto devo a Vossa Mercê que he muito mais a obra // (f. 70) que a materia. Eu espero estes hospedes com alvoroço e os conservarey com estimação que merece a memoria de V. Mercê e de seus favores rendendo de novo repetidos agradecimentos pellas jarras de flores, serão os frutos destas sobre muita obrigação quando eu tenha o gosto e Vossa Mercê me permita a fortuna de lhos poder e saber agradecer muito como devo e como eu dezejo, com o avizo do seu custo remeteroy o seu valor...”

⁴² D. Vasco Luís da Gama, conde da Vidigueira e 1.º marquês de Nisa (1612-1676).

⁴³ Trata-se provavelmente da obra de Antonio de Herrera (1559-1625), cronista-mor de Castela, *Historia General de los hechos de los Castellanos en las Islas y Terra Firme del Mar Océano*.

Documento 21

Carta do marquês de Fronteira para Mendo de Foyos [Pereira], f. 76-76v., s/ data.

(f. 76v.) “O Correyo não da lugar o mais e so digo a Vossa Mercê que o notável banho fica limpo. E ja na Galaria com admiração dos que vem, e com sumo agrado de quem o logra por huma e mil vezes bejo a Vossa Mercê.”